

Julia Dupont,
O abraço do silêncio

Na história da pintura há um certo número de quadros, principalmente religiosos, que pretendem testemunhar uma revelação, uma aparição, geralmente contando uma história em imagem: os Peregrinos de Emaús que, entre dúvida e assombro, subitamente compreendem que o homem com quem caminharam é Cristo ressuscitado (em Rembrandt por exemplo), ou então Saúl no caminho de Damasco com a luz ofuscante que o envolve, submerge e fá-lo converter-se (em Murillo por exemplo). E há na literatura alguns exemplos, menos frequentes, dessa experiência, como Paul Claudel contando a sua espantosa conversão aos dezoito anos, nas vésperas de Natal, atrás de um pilar da Notre-Dame de Paris, uma “revelação infável”, ou então, no domínio do profano, o êxtase sensual que se apodera de Stephen Dedalus no *Retrato do artista quando jovem* de James Joyce quando vê a rapariga na praia de Dollymount Strand e abandona imediatamente as suas inclinações eclesiásticas por uma vocação artística. Ainda que hoje o termo “epifania” designe apenas a Festa dos Reis Magos, a sua etimologia, do grego *epiphaneia*, “manifestação, aparição súbita” indica uma revelação, uma compreensão repentina, quase milagrosa, do sentido ou da essência de qualquer coisa. Uma epifania é um momento de graça, uma fusão entre a consciência de uma pessoa e a aura de uma realidade que se revela indo ao seu encontro.

As *Surfaces profondes* de Julia Dupont são o fruto de várias epifanias: a artista evoca aparições luminosas, pasmos, imagens que se lhe impõem e exigem ser fotografadas. Perante tais revelações repentinas, sente, diz ela, uma necessidade absoluta, uma obrigação imperiosa à qual não pode escapar: não se trata de fotografias tiradas por ela como tantas outras, mas de imagens que se oferecem a ela, que a penetram e fecundam, quase uma transverberação extática. Ela aceita-as, não de forma passiva mas transformando essa sensação luminosa em fotografia, para partilhar a força dessa percepção sensorial. Não só o seu olhar mas todo o seu corpo mergulha nelas. O surgimento destas imagens desencadeia nela espanto sensível e contemplação inquieta.

Surpreendentes, estas imagens surgem de forma inesperada, misteriosa, mas são o fruto da sua atenção aguda ao mundo. Não nascem de um plano determinado, de um programa preciso, mas aparecem, a maior parte das vezes, durante as suas deambulações à deriva. Não são o resultado de uma busca, de uma caça, mas de uma vigilância. Julia Dupont, como uma “flâneuse” baudelairiana, sempre atenta, espera e recebe; nesta série ela não procura, não persegue mas estando receptiva, atenta, paciente, acolhe estas epifanias, estes instantes cuja vibração capta e volta a transmitir.

Por vezes não está preparada, ou as condições para transformar a revelação em imagem não estão reunidas, tem de voltar noutro dia, noutro ano, reiterar, com obstinação e constância.

Mas o que são estas aparições? Imagens de luz. Todas as fotografias são por definição, pela própria etimologia, imagens de luz. Certamente, porém estas não são mais que isso, apenas mostram a luz. É a luz que nelas esculpe o espaço, surgindo do fundo da sombra, abrindo os volumes. Esta presença singular da luz que a artista captou muda a visão, colorindo-a em tons de branco, cinzento, azulado, ocre, amarelos, entre quente e frio, e por vezes, raramente, com gradações mais sensuais, mais carnisais, de azul e rosa.

São luzes percebidas, recebidas, e não construídas à maneira de um Dan Flavin, luzes naturais ou artificiais que atravessam, abraçam ou acariciam as formas arquitectónicas, superfícies a maioria do tempo lisas, desencarnadas (apenas uma apresenta asperezas, irregularidades, só uma é verdadeiramente material: uma placa traseira de lareira em casa da sua avó). Não só não reconhecemos nada, nenhum lugar, nenhum edifício (com a exceção de um elemento da Casa da Música no Porto, para os mais perspicazes), mas também na maioria das vezes, somos incapazes de compreender a escala, medir a distância que separa a fotógrafa do objeto. Para recriar a sensação da luz e evitar qualquer reconhecimento, a artista procurou excluir detalhes demasiado realistas, escolheu ângulos de visão que privilegiam a parte em detrimento do todo, isolando-a do seu contexto.

Estes elementos arquitetónicos são feitos de pedra, madeira, metal, vidro, quase sempre formas duras, retas, retangulares; a única excepção é uma escada em espiral, mais redonda. Podemos observar volumes e

planos, cheios e ocios, portas, janelas, empenas, soleiras; formas vernáculas ou clássicas, e outras modernistas e até brutalistas. E a luz joga com todas elas, indireta, oblíqua: luzes incidentes, fugas de luz, linhas luminosas, difracção, um jorro saindo de um buraco negro. Os volumes distanciam-se de qualquer forma de representação e tornam-se meros suportes da luz.

E estas formas silenciosas parecem quase abstratas. Poderíamos talvez dizer que são imagens de devoção, perante as quais o espetador deveria meditar e, por sua vez, deixar-se submergir para atingir a epifania ou mesmo o êxtase. Estaria assim em condição de mergulhar nestas imagens, aceder a uma verdade superior e saborear estas projecções visuais de um mundo interior, que só a abstracção permite. São instantes de fruição pura, em que o tempo e a acção são abolidos.

Na obra *Polyptique*, uma evolução da série *Surfaces profondes*, Julia Dupont introduz uma dimensão temporal. São cinco imagens do mesmo motivo, uma evolução da luz sobre um elemento arquitectónico durante várias horas, até à noite. Este jogo de variações da luz ao longo do dia ou ao longo das estações evoca evidentemente a catedral de Rouen ou os palheiros de Claude Monet e, em fotografia, a série *Stage* de Fernando Calhau, fotografias experimentais cujo objectivo é registar um movimento ao longo do tempo (desde 1977), a de Jean Dibbets (*The Shortest day at my House in Amsterdam*) em 1970, ou algumas de *Verifiche* de Ugo Mulas da mesma época. Com esta experiência, Julia Dupont mostra como a luz evolui e a forma se altera ao longo das horas. São as reticências de uma revelação que permanece indizível, de uma percepção ao mesmo tempo animada e desligada do tempo, que poderia ser descrita como melancólica. Como uma forma de saudade.

*

Imagens recolhidas desde há 14 anos em todo o tipo de lugares, em Portugal e França claro, mas também Espanha, Itália, Grécia, Alemanha. Este trabalho vem no seguimento da série *Épure* sobre o convento de Sintra, que já jogava com a abstracção das formas. É uma obra que não está acabada, que continua em aberto, a artista permanece atenta, sempre pronta a acolher novas epifanias. Continua este trabalho com a série paralela e antitética *Geometrias do Ó*, sensual e incarnada, redonda e terrosa.

Marc Lenot

Julho 2023